



O lance discutido do jogo e que deixou em todos francas dúvidas: as pernas de Viegas não fizeram cair Pedras e depois Marinho, sobre a linha de golo, também seria derrubado. O árbitro não atendeu. Mas a dúvida, essa, ficou...

MEIAS FINAIS DA «TAÇA»

**ACADÉMICA E BENFICA OS MAIS PRÓXIMOS DO JAMOR**

No fim-de-semana deste fim de época do futebol, Lisboa foi mesmo capital. Na Luz (noite de sábado) e em Alvalade (tarde de domingo) estiveram as quatro equipas que ainda mourejam a conquista da Taça. Foram os jogos da primeira «mão» das meias-finais, o que significa que ainda só há meio caminho andado para que se saiba, de certeza-certezinha, quais serão os dois apurados para o jogo-festa no Jamor.

Alguma coisa se pode já considerar quase certa, no entanto. É essa «alguma coisa» é a presença do Benfica nesse despique decisivo. A vitória «encarnada» sobre o Desportivo da C. U. F.

por 5-1 tem todo o ar de sentença imutável, que o julgamento de hora e meia, no Lavradio, não poderá anular.

Quase se pode partir do princípio de que sim, de que o Benfica será um dos finalistas. E o outro?

A primeira fase do duelo Sporting-Académica teve nos estudantes os grandes triunfadores. Não só porque ganharam o jogo (2-1), mas porque essa vitória foi alcançada no campo do adversário, o que a robustece em sabor e utilidade. É que a Académica chegará agora, em Coimbra, um empate para chegar ao Jamor — e à Taça dos Vencedores das Taças. Daqui o considerar-se

que a bela equipa da Académica está mais próxima da final de que o seu antagonista, no qual Fernando Vaz ainda não teve, naturalmente, um mínimo de tempo indispensável para reparar uma conhecida desafinação. Não se poderá dizer no entanto que a Académica está em posição idêntica à do Benfica, esse sim, finalista quase certo. Os estudantes terão de lutar muito e bem para manterem a vantagem ontem sensacionalmente conseguida. Terão de vencer o esforço do opositor em busca da recuperação. Esforço que se aguarda realmente «leonino».

M. Z.



Bancos dos responsáveis — o mesmo sofrimento em «polos» opostos. Fernando Vaz e Francisco Andrade vêem os seus pupilos e não escondem apreensão

SPORTING-ACADÉMICA (1-2)

**«OS DIABINHOS» VESTIRAM DE BRANCO**

• Comentário de NEVES DE SOUSA

Acabou o jogo e o público interroga-se. Porque perdeu o Sporting? Porque venceu a Académica? Até onde um ou outro lapso do árbitro Marcos Lobato terá influído no desfecho?

Vamos por partes. O Sporting perdeu porque (iniludível verdade) a sorte do jogo fez pacto com a Académica: nesse capítulo, Viegas teve vela acesa em todos os altares. Depois, a Académica tem talento suficiente para justificar um êxito em Alvalade: nas raízes do tempo o facto tem paralelos amiúde repetidos.

**VIEGAS: O «HEROI»**

A passo e de branco entraram os «estudantes». A passo tentaram retardar a progressão que se adivinhava: um Sporting cheio de afã, desejoso de mostrar a Fernando Vaz que tem lá dentro ânimo até Almeida. Mas, logo aos 2 minutos, começou a escrever-se a história: Marinho enrodiçou-se com a bola e ficou sem saber como se livrar do incómodo. Um lance que se repetiria quase que a intervalos regulares: a demonstrar não apenas

a débil condição técnica do jogador como (e sobretudo)

do) a crise moral que o avassala sempre que lhe colocam nos ouvidos o «rugido de Alvalade».

O «handicap» da presença de Marinho seria contrabalançado por outra presença: a de Oliveira Duarte. Até aos 15 minutos foi ele (só, sozinho) quem ganhou quatro «cantos»: desaproveitados pelos companheiros.

A Académica, com dois defesas-centrais dignos de

(Continua na página central)



MANUEL LUÍS

«GRANDE PRÉMIO DO F. C. PORTO»

**MANUEL LUÍS (BENFICA) UM VENCEDOR-SURPRESA**

A segunda grande corrida da temporada, a nível nacional, terminou ontem, à tarde, na pista das Antas, ao serem

vencidas as últimas pedaladas da sétima etapa do «V Grande Prémio do F. C. do Porto».

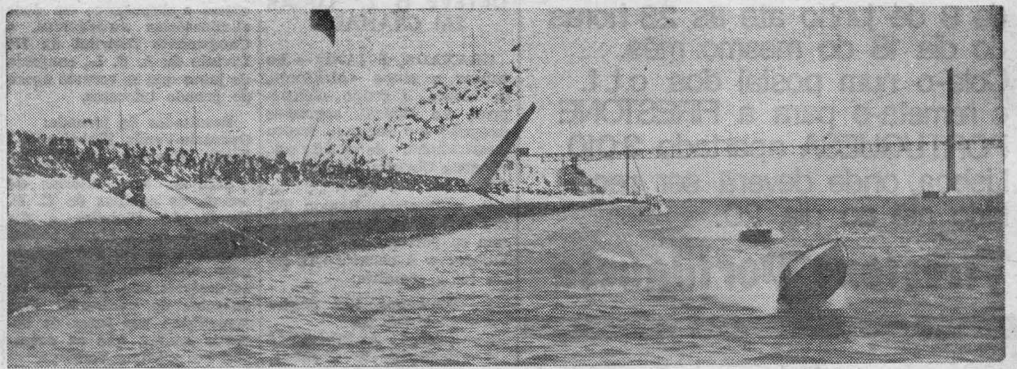
Admitimos que, dada a extensão da tirada derradeira

(Continua na página central)

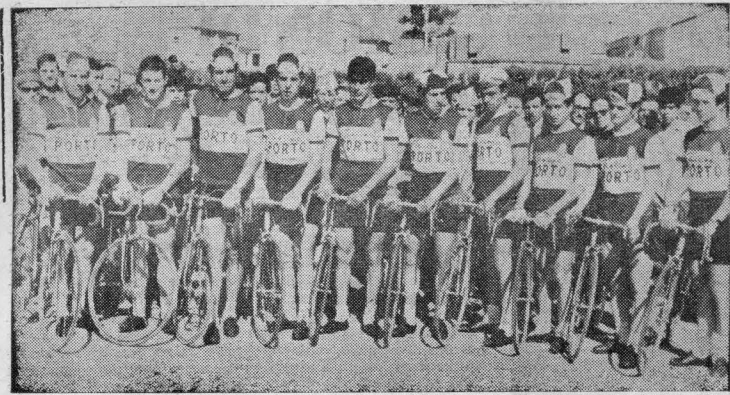
**O TEJO E O DESPORTO**

O turismo «virou-se» declaradamente para o desporto. O aproveitamento do estuário do Tejo é, agora, o objectivo dos departamentos oficiais que se propõem desenvolver as modalidades náuticas como o remo, a vela, a motonáutica. Foram as embarcações deste género de competições que ontem animaram as águas do rio lisboeta perante o entusiasmo de muita gente que ocorreu a Belém para presenciar as regatas

(Reportagem na página central)







A equipa do F. C. Porto, a primeira na classificação colectiva

«GRANDE PRÊMIO DO F. C. PORTO»

FRACASSO INESPERADO DA EQUIPA DO SPORTING

(Continuação da 1.ª página)

190 quilómetros por acidente (no percurso) onde o Alto de Quintela (contagem do prêmio da montanha) 1.ª categoria) constituía grande dificuldade que viesse a haver luta até ao último quilómetro. E, não obstante terem entrado na pista com o mesmo tempo nada menos de trinta corredores, até às proximidades do estádio a luta existiu e teve a valorizá-la

AMANHÃ O PORTO-LISBOA

Como é da tradição disputa-se amanhã a clássica do nosso ciclismo que liga as duas capitais, o Porto a Lisboa, este ano na sua 39.ª edição.

Nos dois últimos anos registaram-se vitórias belgas — em 1967, Godefroot e em 1968, Leman. Este ano, porém, não haverá para os belgas portugueses a ameaça belga, pois a «Flândria» não se fará representar. No entanto não pode pôr-se totalmente de parte a hipótese da vitória de um estrangeiro, dado que o F. C. Porto tem nas suas fileiras o francês Hubert Niel.

O favoritismo, porém, cabe ao forte conjunto «leonino», não obstante a sua discreta actuação no Grande Prêmio do F. C. Porto, tanto mais que já reaparece nas suas fileiras Joaquim Agostinho, indiscutivelmente o corredor presentemente mais apto para chamar a si a vitória — a menos que se ressinta dos ferimentos sofridos em consequência da queda registada durante as «24 horas de Lisboa».

Um dos maiores aliciados da prova, a parte a natural preocupação quanto ao vencedor, é, sem dúvida, o de saber se o recorde da prova, que pertence a José Pacheco, do F. C. Porto, com 9 horas, 17 minutos e 55 segundos, será superado.

FAMEL — ZÜNDAPP (O SOL NA ESTRADA) SEMPRE À FRENTE EM TODAS AS CLASSIFICAÇÕES

uma espectacular fuga de Herculano de Oliveira.

Discutida a vitória na última etapa (ao «sprint»), Emiliano Dionísio demonstrou, mais uma vez, ser um dos homens mais rápidos em actividade. Venceu a etapa em luta directa com Cosme de Oliveira e Hubert Niel, dando, dessa forma, um pouco de brilho ao descolorido final de prova da turma do Sporting.

Quanto ao êxito final de Manuel Luís devemos salientar que está absolutamente certo. O corredor mostrou possuir valor, uma vez que venceu a etapa mais longa e mais difícil e teve ainda força no dia seguinte para conquistar a «camisola laranja». Ontem, bem auxiliado pelos seus colegas, não se inferiorizou, uma vez que passou no alto da montanha com o primeiro grupo. Enfim: justificou plenamente o seu primeiro grande triunfo.

Registe-se a nítida subida de valor global evidenciada pelo conjunto do F. C. do Porto, onde Cosme de Oliveira, Hubert Niel e Mário Silva deram nas vistas e parecem adquirir forma e moral para mais cometimentos futuros. Depois de longo lapso de tempo ausente dos primeiros lugares das classificações, este triunfo azul e branco pode bem marcar o início de uma recuperação há muito procurada.

O conjunto leonino, embora enfraquecido pela ausência de Joaquim Agostinho, actuou abaixo do que é normal. Nem mesmo a ausência da sua maior vedeta, justificou a modesta actuação de antecâmara. Pode muito bem ter acontecido ser esse o «dia não» do conjunto. Aguardemos novas exhibições: o que já amanhã sucederá com a disputa do Porto-Lisboa.

Os restantes conjuntos — Ambar, Coelma e Sangalhos — tiveram alguns elementos que, com iniciativas isoladas, emprestaram à prova bom interesse, contribuindo para a sua valorização desportiva, que, diga-se, esteve em bom plano.

No capítulo «organização técnica», a corrida esteve bem. Foi dirigida por António Fernandes e por uma equipa experiente de juizes e cronometristas. Registe-se, também, que os prémios foram entregues pouco depois da corrida terminar, pormenor muito saliente.

CLASSIFICAÇÕES

Classificação geral: 1.º, Manuel Luís (Benfica), 20 h. 46 m. 03 s.; 2.º, Fernando Mendes (Bf.), 20.46.25; 3.º, Mário Silva (Porto), 20.46.30; 4.º, António Paulino (Sporting); 5.º, João Roque (Sp.); 6.º, Sousa Vieira (Ambar); 7.º, Cosme Oliveira (Porto); 8.º, Jorge Freitas (Ambar); 9.º, Hubert Niel (Porto); 10.º, João Pinhal (Bf.); 11.º, Equipas: 1.ª, F. C. Porto, 62 h. 18 m. 2 s.; 2.ª, Benfica, 62.19.43; 3.ª, Sporting, 62.41.10; 4.ª, Ambar, 5.ª, Coelma; 6.ª, Sangalhos.

Pontos — (Prémio Triunfo): 1.º, Cosme Oliveira, F. C. Porto, 35 pontos; 2.º, Emiliano Dionísio, Sporting, 35; 3.º, Hubert Niel, F. C. P., 27.

Metas volantes: 1.º, Augusto Cardoso, Benfica, 8 pontos; 2.º, Fernando Mendes, Fenfca, 3 p.; 3.º, António Paulino, Sporting, 3 pontos.

Montanha: 1.º, Herculano Oliveira, Sangalhos, 15 pontos; 2.º, Mário Silva, F. C. Porto, 15 p.; 3.º, Fernando Mendes, Benfica, 14 pontos.



Oliveira Duarte — um jogador reconquistado para o nosso futebol — mostra o seu excelente estilo no momento em que ensaia uma finta frente a Gervásio

A DERROTA DO SPORTING EM ALVALADE

REFAZER TODA UMA EQUIPA — A DURA TAREFA DE FERNANDO VAZ

(Continuação da 1.ª página)

caixa alta (Belo e Vieira Nunes) entrou a segurar o meio-campo, onde Rui Rodrigues, Nenê e Peres eram reis e senhores. O Sporting, todavia, persistente na toada atacante, fazia a bola circular pelos «pontas» (o ávido Chico e o dominador Duarte), tentando, assim, construir «centros» que Lourenço pudesse finalizar. Viegas é que não estava pelos ajustes. E, ao longo do tempo, transformar-se-ia em «rapaz do trapézio voador», indo buscar a bola à cabeça de Lourenço, aos pés de Chico, aos ângulos da baliza, por alto e por baixo, sempre de mãos firmes e sem asperezas.

Pedras, já a meia dúzia de palmos do risco da baliza. Marcos Lobato fez que não viu ou não terá visto mesmo: um caso de consciência que o deve ter marcado para os restantes 60 minutos.

Os donos do relvado continuavam a moer Viegas. Um «tiro» de Pedras, à meia volta, foi defendido por instinto pelo jovem guarda-redes de Coimbra. E com o jogo a prolongar-se três minutos para além dos 45 do regulamento, e com Nenê fazendo o seu «show» (a dar na bola e no adversário...) acabou a primeira parte. Que se passaria depois?

FERNANDO VAZ: O SEU SIGNO

Fernando Vaz alegrá das suas razões para justificar a abdicação de Lourenço. E a passagem de José Carlos para ariete. E a entrada do frágil Gonçalves para uma tarefa de balanceamento. A verdade é que a reviravolta não resultou. Marinho continuou na escala, a tentar, a tentar, a tentar. Mas, só isso. De cabeça a escaldar, como conseguir pensar a frio?

Aos 14 minutos, Oliveira Duarte é arreado (à força de cotovelo) do caminho da rede, aí a uns quinze metros de Viegas. E, logo a seguir, é Manuel António quem perde o pontapé final, com tudo aberto à sua frente, após três «fintas» seguidas a José Carlos. Equilíbrio, portanto, no «suspense».

Pertinho da meia hora, Marques atrai-se a Chico como gato a bofe: rasga-lhe a camisola, mas não consegue impedir que a bola parta para Pedro Gomes e daí para as mãos de Viegas: que (pobre dele!) a solta para a cabeça do brasileiro Moraes, consentindo, na sua única falha, o único golo contrário.

Feito o empate, os associados do Sporting principiaram a incentivar os seus

futebolistas. E auxiliaram a carga daquela brigada. Belo, Vieira Nunes, Rui Rodrigues e o escalão de Viegas eram (todavia) barreiras de aço. Nenê (uma maravilha quando afaga o couro) funcionava como arame farpado: a ratar picar... Nos «deões», Hilário e Odiadas sem poupança... A três minutos do término, Belo executou (na sua grande área) um pontapé de bicicleta em que o pé direito roçou a cara de Chico. Alegaram os sportinguistas (imediatamente e com toda a veemência) que fora «jogo perigoso» Mas os «estudantes» continuaram com a bola: (graças a duas diabólicas «gambetas» de Nenê) a marcar para outro, e quando sur-

teu pelo melhor. Que houve distrações (?) que poderiam ter trazido as consequências ainda mais desagradáveis (o objectivo da Secretaria do Estado de Informação e Turismo ontem expresso nas nossas colunas pelo dr. Silva Santos: «É preciso trazer o lisboeta às margens do Tejo»). E o alfacinha correspondeu a esse desejo para apreciar um espectáculo ainda raro no rio que banha a sua cidade.



Chico tenta vencer a opção de Marques e Nenê

giram perante Damas o facto estava consumado. Fernando Vaz entrava em Alvalade tal como salta: mal-ferido pela turbulência dos coninbricenses.

ELES

A Académica jogou com enervante calma, cedendo «cantos» sem preocupações, confiante na defesa e atrevida lá para a frente. Viegas, Belo, Vieira Nunes e Rui Rodrigues roçaram

os seus e falhas. De uns e outros lhe pode pesar a consciência. Mas, quem poderá colocar a mão sobre a Bíblia e dizer que o árbitro errou veementemente? Agora lá que houve lires indirecto desculpado os «estudantes» cremos que ninguém duvidará. A esta hora, Marcos Lobato nem próprio deixará de concordar com o juízo da multidão...

NEVES DE SOUSA

Advertisement for Helénio Herrera, a coach, with a photo and text: 'HELENIO HERRERA MAISEM ANO NO ROMA'.



A MOTONÁUTICA ANIMOU O RIO

UM ESTÁDIO CHAMADO TEJO

• O Grande Prémio «Mercado da Primavera» foi um excelente espectáculo desportivo, presenciado por milhares de pessoas • Baptista Rodrigues — vencedor absoluto

«Foi uma corrida muito dura. O estuário do Tejo constitui realmente uma pista muito boa, mas as correntes e os ventos dominantes provocam marea numas condições de usura exageradas sobretudo em provas como esta, de resistência. Creio até que se prolongou demasiado a corrida, o que deu origem a muitas desistências».

A afirmação que atrás fica expressa é do Conde de Caria, presidente da Federação Portuguesa de Motonáutica, e recolhida minutos depois da conclusão do Grande Prémio «Mercado da Primavera», que ontem levou vinte e uma embarcações a sulcar as agitadas águas do Tejo, em frente a Belém, e muitas centenas de pessoas que ao longo da margem lisboeta assistiram entusiasmadas às duas horas de competição.

Terá desde logo que se acentuar o êxito da corrida no aspecto espectacular. Com efeito ter-se-á alcançado o objectivo da Secretaria do Estado de Informação e Turismo ontem expresso nas nossas colunas pelo dr. Silva Santos: «É preciso trazer o lisboeta às margens do Tejo». E o alfacinha correspondeu a esse desejo para apreciar um espectáculo ainda raro no rio que banha a sua cidade.

Desportivamente, a prova foi emotiva. Pelas dificuldades de que se revestiu, pelo ineditismo dos motores apresentados (pela primeira vez competiram no nosso país embarcações equipadas com motores de cem e mais cavalos-força) e sobretudo pela categoria dos pilotos e pelo despique que travaram, a corrida entusiasmou participantes e assistentes. Certo é que nem tudo cor-

Reportagem de Encarnação Viegas e Salvador Ribeiro

Ora no aspecto de assistência, estas últimas vieram ver a corrida e olvidaram as suas atribuições. A acusação é do piloto da «scuderia» de Magos, Rui de Noronha, que teve de abandonar, vítima de uma impressionante série de

avarias mecánicas. «Havia cinco barcos do Clube Naval de Cascais para prestar assistência aos pilotos, pois na última avaria já na segunda mão eu estive meia hora a espera que fosse assistido». E acrescentou: «entanto, um outro apreciável factor a considerar: o convívio que proporciona entre os jornalistas (a quem a organização proporcionou a possibilidade de assistir à corrida numa privilegiada posição a meio do rio) e as agrupamentos. Ontem tive



A motonáutica é espectáculo

— Tudo isto é tanto mais de estranhar quanto é certo que as pessoas a quem compete a tarefa de assistir aos pilotos estão habituadas a este género de competições.

Depois finalizando: — A verdade é que não foi só a mim que tal aconteceu. Outros concorrentes se viram com idênticos problemas, o que me parece de lamentar se considerarmos o interesse manifestado pela Secretaria de Estado no desenvolvimento destas competições.

De qualquer modo, são as dificuldades que constituem o maior estímulo para os praticantes. É Batista Rodrigues, o vencedor, quem o afirma: «— A corrida foi boa. Por mim teria que o casco não suportasse o motor de 125 cavalos com que hoje corri pela primeira vez. E realmente na última meia hora andei a fazer água e portanto a andar com mais cuidado. Acho no entanto que é de proseguir na experiência. É a que hoje fiz com o novo motor disse-me que temos de entrar decididamente nas grandes corridas se quisermos acompanhar o desenvolvimento da modalidade na Europa. Estas competições têm, no

entanto, um outro apreciável factor a considerar: o convívio que proporciona entre os jornalistas (a quem a organização proporcionou a possibilidade de assistir à corrida numa privilegiada posição a meio do rio) e as agrupamentos. Ontem tive

ber, depois das horas de expediente, todos quantos me queiram apresentar as suas sugestões de forma a que delas se possa colher algum benefício.»

E durante uma hora, cavaleou-se informalmente, trocando-se impressões, em redor da mesa de ferradura do bar da embarcação. «São sempre estes diálogos. A frase é ainda do eng.º Alvaro Roquete, que acedeu em divulgar, quando o quisermos, os projectos e as novas directrizes do turismo nacional. Lá iremos, Senhor Director Geral. Não deixaremos cair no olvido a sua promessa.

Ao fim da tarde realizou-se a entrega dos prémios. As classificações foram as seguintes:

CLASSIFICAÇÕES

- Classe SB: Neves Dias. Classe SD: 1.º, Carlos Pasos; 2.º, Aurélio Castelo Branco e 3.º, José F. Silva. Classe SE: 1.º, Claude Constant (França); 2.º, Manuel A. Barbosa; 3.º, Walfredo Sangareau; 4.º, José Manuel; 5.º, Manuel J. Raposo; 6.º, Manuel Ribas; 7.º, Vítor Lançeiro; 8.º, António Feo; 9.º, Serge Labro (França); 10.º, Iglésias Rodrigues (Espanha) e 11.º, Jesus Mata Lariz (Espanha). Classe SF: António C. da Silva. Classe FI: Rui de Noronha. Classe SN: Alfredo B. Rodrigues.

O torneio do Desportivo das Mercês

O Grupo Desportivo das Mercês promove no dia 10 a realização de um torneio de futebol em que participam várias equipas do banelho de Sintra e que se disputará no campo onde de Lucena, do União 1.º de Dezembro.

Entretanto aos juniores do clube serão entregues as medalhas «Disciplina» da Associação de Futebol de Lisboa, no decorrer de uma festa que se efectua esta noite na sede do Grupo Desportivo das Mercês.



Rui de Noronha: «A falta de assistência compromete os propósitos da Secretaria do Estado»